

Sábado

09-01-2020

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Diversos

Dimensão: 696 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 8

Do diretor

EDITORIAL

Com Donald Trump nunca estivemos tão próximos de Gotham City. Ainda para mais, com o pior Joker de sempre sentado na Casa Branca e sem termos um Batman que nos salve da loucura do homem



E

Diretor
Eduardo Dâmaso

As guerras de um pirómano

Donald Trump não hesita em utilizar os poderosos meios da América na defesa da sua fortuna e da sua carreira política. Transformou a Casa Branca no escritório privado das suas empresas e as Forças Armadas dos EUA no braço militar que lhe permite pulverizar um processo de *impeachment*, mesmo que isso signifique uma guerra com o Irão. Ninguém tem saudades de um general iraniano, em particular de Soleimani, o todo-poderoso chefe dos Guardas da Revolução, que deixa um gigantesco armário de cadáveres. Mas Trump empurra o mundo para a beira do precipício por puro interesse pessoal e não por uma batalha de valores. Trava com a China uma guerra comercial que aprofunda o unilateralismo norte-americano e, no essencial, privilegia fortunas como a sua, assentes no imobiliário construído em solo norte-americano. Com o Irão trava uma batalha movida pela sua própria insanidade pirómana que, ao contrário do que muitos julgam, dificilmente será regional.

Os xiitas são uma força cada vez mais global, cuja influência é impossível exterminar em todo o Médio Oriente, e travam contra os sunitas porventura a mais antiga guerra religiosa da humanidade. O que significa que estes jogos de guerra de Trump espalharão a doença pelo mundo e deixarão uma herança que sobreviverá à sua carreira política e à sua própria vida. Será começando uma guerra destas, com um "general" como Trump, que invertemos o destino de um planeta a caminho da sua própria tragédia? Na verdade, nunca estivemos tão próximos de Gotham City, com um dos piores Jokers de sempre sentado na Casa Branca, sem termos um Batman que nos salve.

O perdão de 277 milhões

Alguns bancos vieram esclarecer que estão a perdoar dívidas para evitar males maiores. Só a quatro devedores perdoaram 277 milhões. Mas a conta não vai parar. Os portugueses, que salvaram os bancos com o seu dinheiro, extorquido por um sistema fiscal implacável, vão continuar a pagar os calotes à banca, desde o já longínquo BPN, cuja fatura ainda vai perdurar uns bons anos, até ao descalabro criminoso do Novo Banco e aos fantasmas dos antigos "campeões nacionais", como lhes chamavam, pela alegada excelência da gestão, feita de internacionalização, diversificação, etc. Tudo mentiras piedosamente pregadas aos crédulos desse tempo, que hoje pagamos pesadamente. Contentam-se com as desculpas esfarrapadas dos novos senhores da banca? Eu não! Aqui, tentaremos fazer o escrutínio desse golpe bilionário até ao último cêntimo. Se existe jornalismo em Portugal, essa é uma das suas mais incontornáveis obrigações profissionais e morais.

Combate à criminalidade

A procuradora-geral da República, Lucília Gago, disse na abertura do ano judicial que "o combate a uma criminalidade especializada, complexa e essencialmente focada no lucro não se basta com a imposição de uma pena aos respetivos agentes, mas reclama a remoção dos benefícios obtidos". Tem toda a razão. A asfixia financeira de quem encontra no crime a forma exclusiva de obter lucro, como disse, é essencial. Mas isso não pode acontecer à custa da remoção das penas de prisão. É isso que os Salgados, Oliveiras Costas, Sócrates e amigos temem. Pagar é o menos porque a fortuna identificada pela justiça corresponde sempre uma muito maior escondida algures, nas novas Suíças deste mundo, como Singapura. Do que eles realmente têm medo e o que funciona, ao mesmo tempo, como prevenção geral e especial é a prisão. Não a deixe reservada, cara procuradora-geral, aos portugueses pobres e anónimos. ▢